



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

27 e 28 de maio de 2017

Diário Catarinense
Nós
“Quem já ganhou o troféu Viver SC”

Quem já ganhou o troféu Viver SC / Glauco José Côrte / Federação das Indústrias de Santa Catarina / Fiesc / Curso de Direito / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Colombo Salles / Laguna / Santa Catarina / Florianópolis / Curso de Engenharia

**QUEM JÁ GANHOU
O TROFÉU VIVER SC**

Confira quais catarinenses receberam o prêmio nos anos anteriores

2015

- **ANTÔNIO KOERICH:** natural de São José, o presidente do Grupo Koerich é reconhecido pelo espírito empreendedor varejista, com negócios em diversos ramos.
- **EGGON JOÃO DA SILVA:** falecido em 2015, o empresário de Schroeder foi responsável pelo renome internacional da WEG, uma das maiores fabricantes de equipamentos elétricos do mundo.
- **GUSTAVO KUERTEN:** ídolo mundial do tênis, o manezinho é reconhecido pelo esporte e por atividades empresariais e sociais.
- **SALOMÃO RIBAS JUNIOR:** nascido em Caçador, foi presidente do Tribunal de Contas, várias vezes secretário de Estado, professor e membro da Academia Catarinense de Letras.
- **SÔNIA BRIDI:** jornalista da Rede Globo, nascida em Caçador, começou na RBS TV em 1984 e foi correspondente na Ásia e nos Estados Unidos.

2016

- **GLAUCO JOSÉ CÔRTE:** presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc), nasceu em Indaial. Formou-se em Direito na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e trabalhou em grandes empresas do Estado, como a Portobello, antes de assumir a cadeira na entidade.
- **BRUNA LINZMEYER:** em 2008 e 2009, representou Corupá, onde nasceu, no Garota Verão. Aos 23 anos, hoje é atriz com cinco novelas (todas na Globo), quatro filmes, duas peças de teatro e participações em diversos seriados no currículo.
- **COLOMBO SALLES:** natural de Laguna, o ex-governador de Santa Catarina foi indicado para o cargo em 1970. Aos 91 anos, vive em Florianópolis após aposentar-se como docente do curso de Engenharia da UFSC.
- **SÔNIA HESS DE SOUZA:** filha de Rodolfo Francisco de Souza Filho (o seu Duda) e de Adelina Clara Hess de Souza, o casal que fundou a Dudalina em 1957. Foi presidente da empresa de 2003 a 2015, quando deixou o cargo.
- **JUAREZ MACHADO:** artista plástico, nasceu em Joinville. Além de dedicar-se à pintura, é escultor, desenhista, caricaturista, mímico, designer, cenógrafo, escritor, fotógrafo e ator.

A Notícia
Capa e Indústria
"Perfil moldado para o futuro"

Perfil moldado para o futuro / Tecnologia / Albano Schmidt / Termotécnica / EPS / Isopor / Empregos / Automação / Fórum Econômico Mundial / FEM / Inteligência artificial / Robótica / Nanotecnologia / Impressão 3D / Biotecnologia / Brasil / Joinville / Richard Soley / Indústria 4.0 / Jefferson de Oliveira Gomes / Senai-SC / Instituto Tecnológico de Aeronáutica / Raphael da Silveira Geremias / Sesi / Sistema Fiesc de Educação / Associação Brasileira de Internet Industrial / Abii / Mário Cezar de Aguiar / Observatório da Indústria Catarinense / Associação Empresarial de Joinville / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Internet / Laboratório de Produtividade e Melhoria Contínua / Gestão de energia / Alimentos / Diego Fettermann / Inovações tecnológicas / Conecta / Curso de Engenharia de Materiais / Jadson Barbosa / Udesc / Univille



Perfil moldado para o futuro

Desenvolvimento de novos equipamentos e tecnologias fará com que o profissional da indústria atenda e se adapte às exigências do mercado

Profissões comuns na indústria atual correm o risco de desaparecer ou serem substituídas por outras no prazo de 20 ou 30 anos. E o mais intrigante: nem os empresários nem as escolas sabem dizer que profissões serão estas. A análise é do empresário Albano Schmidt, presidente da Termotécnica, empresa que é uma das maiores transformadoras de EPS (isopor) da América Latina e líder nacional de embalagens para produtos industriais. Para ele, a tendência é que ocorra um movimento migratório de empregos e, para que essa transição aconteça sem atropelos, o processo de capacitação precisará ser aprimorado.

— A indústria que conhecemos hoje, com centenas de trabalhadores no “chão de fábrica”, está com os dias contados. No futuro, haverá muita automação e tecnologia, abrindo oportunidades para que as pessoas se capacitem para mexer nas máquinas. Os operadores que conhecemos hoje serão programadores no futuro — diz Schmidt.

A análise de Albano vai ao encontro do estudo do Fórum Econômico Mundial (FEM). Em média, aponta o estudo, um terço das funções profissionais que conhecemos hoje não existirão há dez anos e, no futuro, a previsão é que 65% das crianças que estão na escola vão trabalhar em profissões ainda desconhecidas. O levantamento do FEM mostra também os reflexos do avanço das novas tecnologias no mercado de trabalho. Os sistemas inteligentes vêm ganhando espaço e causando impactos principalmente na indústria, que além de transformar processos, busca respostas para uma questão

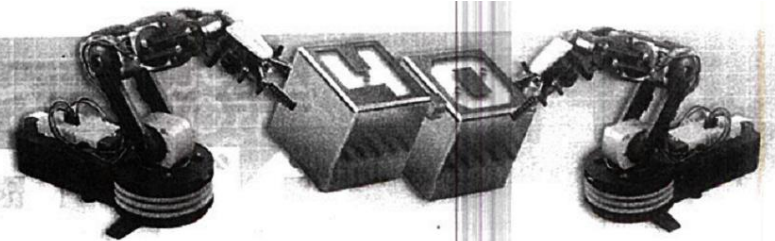
—chave: quem é o profissional do futuro?

O desenvolvimento progressivo da chamada ‘inteligência artificial’, da robótica, nanotecnologia, impressão 3D e biotecnologia, por exemplo, tem automatizado e interligado processos e serviços antes operados apenas pelo homem. Outros serviços eram impensáveis. Essa substituição provocada pela indústria 4.0 em determinadas funções gera incertezas para milhares de trabalhadores e corrobora para a pergunta sobre quem é o profissional do futuro.

A estimativa do FEM é de que até 2020 a sejam fechados cerca de 7,1 milhões de vagas de emprego no mundo. As funções mais ameaçadas são as de escritório e administrativas. Em compensação, devem ser abertos outros 2 milhões de novos empregos, no qual se destacam analistas de dados, especialistas em diversas áreas tecnológicas e representantes de vendas especializadas.

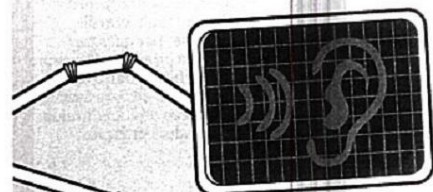
O Brasil está no grupo de países, segundo o relatório, em que a falta de profissionais qualificados poderá influenciar em um déficit na competitividade industrial. Em sua passagem por Joinville, o executivo Richard Soley, especialista no conceito de indústria 4.0, destacou que a perda de empregos já aconteceu no início de outras revoluções, mas que com a criação de novos mercados, as vagas deverão ser repostas. Ele citou como exemplo a popularização a internet na década de 1990, que criou a figura do webmaster, responsável por empregar milhares de pessoas. Desta vez, as funções devem exigir uma nova gama de qualidades e competências que já permeiam o aprendizado nos centros técnicos e universidades.

Muitos dos empregos oferecidos hoje deixarão de existir no futuro, afirmam especialistas



O PROFISSIONAL DO FUTURO

Competências consideradas essenciais para o desenvolvimento



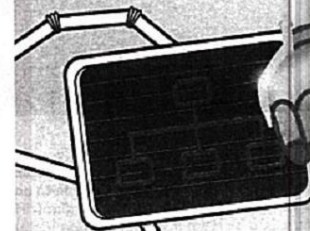
ESCUTA ATIVA

Processos de pensamento crítico. Monitoramento próprio e dos outros.



FÍSICAS

Força física e destreza manual e de precisão.



SISTÊMICAS

Julgamento e tomada de decisão e análise sistêmica.



GESTÃO DE RECURSOS

Gerenciamento de recursos financeiros e de materiais, gestão de pessoas e do tempo.

● HABILIDADES

● COMPETÊNCIAS BÁSICAS

● COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS



A SÉRIE

QUINTA-FEIRA
A Indústria na
Joinville do
amanhã

SEXTA-FEIRA
As transformações
no setor e a
Internet Industrial

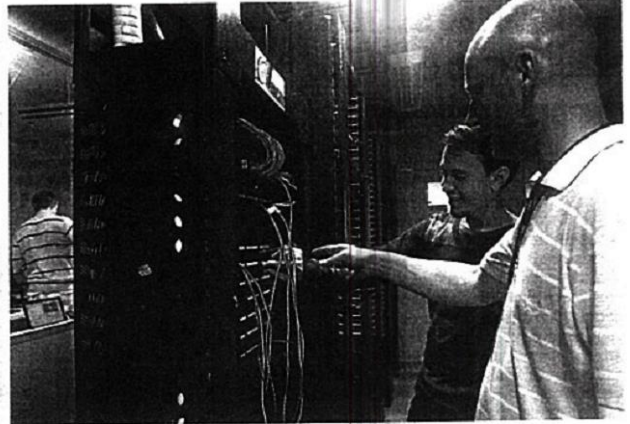
**SÁBADO E
DOMINGO**
O profissional
do futuro

EXPEDIENTE

EDIÇÃO: **Jean Balbinotti**
TEXTOS: **Jean Balbinotti** e **Luan Martondal**
FOTOS: **Maykon Lammerhirt** e **Saimo Duarte**
DESIGN E DIAGRAMAÇÃO: **Juliano Souza**
ILUSTRAÇÃO: **Robson Brüning**

ANotícia

SÁBADO E DOMINGO - 27 E 28/5/2017



Alunos do Senai recebem formação voltada para as demandas da indústria

Foco na preparação multidisciplinar

Jefferson de Oliveira Gomes, diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai/SC) e professor do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), diz que das 3,5 bilhões de pessoas que têm contrato de trabalho no mundo, pelo menos 1 bilhão trabalha em profissões que não existiam antes de 2011. Ele aponta ainda que não é possível traçar um perfil exato de quem é o profissional do futuro, mas é preciso que as pessoas invistam em uma preparação multidisciplinar.

— Ainda haverá espaço para os atuais modelos desde que tudo seja transbordado pelo conjunto dessas tecnologias, mas quem vai se destacar é o profissional multitarefas, “gamificado”, que trabalha habilidades, sociais, cognitivas e nas tomadas de decisão. Existem técnicas para isso — explica.

A opinião é compartilhada pelo gerente educacional do Senai Joinville, Raphael da Silveira Geremias. Segundo ele, a instituição baseia a formação de seus alunos considerando demandas solicitadas pela indústria e já acompanha as mudanças e previsões a curto e médio prazo. Parcerias com grandes indústrias e setores de tecnologia, palestras e equipamentos inovadores refletem nos cursos preparatórios que englobam a temática. Somente no ano passado, as cinco unidades do Senai no Norte de SC efetuaram 14 mil matrículas nos níveis de aprendizagem industrial, técnico e de graduação e pós-graduação. Junto com o Sesi, o Senai

integra o Sistema Fiesc de Educação, instituição que fundou a Associação Brasileira de Internet Industrial (Abii) e é referência no País na oferta de cursos voltados para trabalhadores do setor industrial.

— A nossa metodologia se baseia em projetos integradores em que esses alunos podem unir conhecimentos de várias unidades curriculares. Estamos formando mecânicos, mecatrônicos, eletricitistas, técnicos em várias áreas para exercerem funções que ainda não foram criadas. Então, associamos a profissão deles a um mix de competências que serão necessárias para que eles possam assumir funções no futuro — destaca.

Além da formação de novos profissionais, a entidade oferece cursos de atualização segmentados para funcionários de empresas que passam por processos de inovação. Um terceiro meio preparatório envolve os próprios professores que ministram cursos no campo das novas tecnologias. Cerca de 60 educadores de todo o Estado, incluindo 14 da região, participam do *Master Business Innovation*, MBI voltado para a educação do profissional do futuro.

— É difícil prepararmos os estudantes sem antes preparar os professores. Temos que dar condições para que eles possam ensinar adequadamente aos alunos as competências que a indústria 4.0 vai exigir. Temos uma mudança também de gerações e o grande desafio da educação é fazer essa integração — reitera Raphael.

Ainda haverá espaço para os atuais modelos (...), mas quem vai se destacar é o profissional multitarefas, “gamificado”, que trabalha habilidades sociais, cognitivas e nas tomadas de decisão.

Jefferson de Oliveira Gomes, diretor regional do Senai-SC



Recolocação sem qualificação é sempre um desafio



saldo positivo de 2.056 vagas abertas na indústria de Joinville no primeiro trimestre deste ano não é garantia de recolocação rápida no mercado de trabalho. Além da crise econômica, a falta de mão de obra qualificada também é determinante para que o índice de desemprego aumente na cidade. De acordo com o vice-presidente da Fiesc, Mario Cezar de Aguiar, a substituição laboral por máquinas mais inteligentes estão exigindo profissionais mais qualificados para ocuparem os postos de trabalho na indústria. A falta desses profissionais hoje é apontada por ele como um dos fatores para o aumento do número de desligamentos.

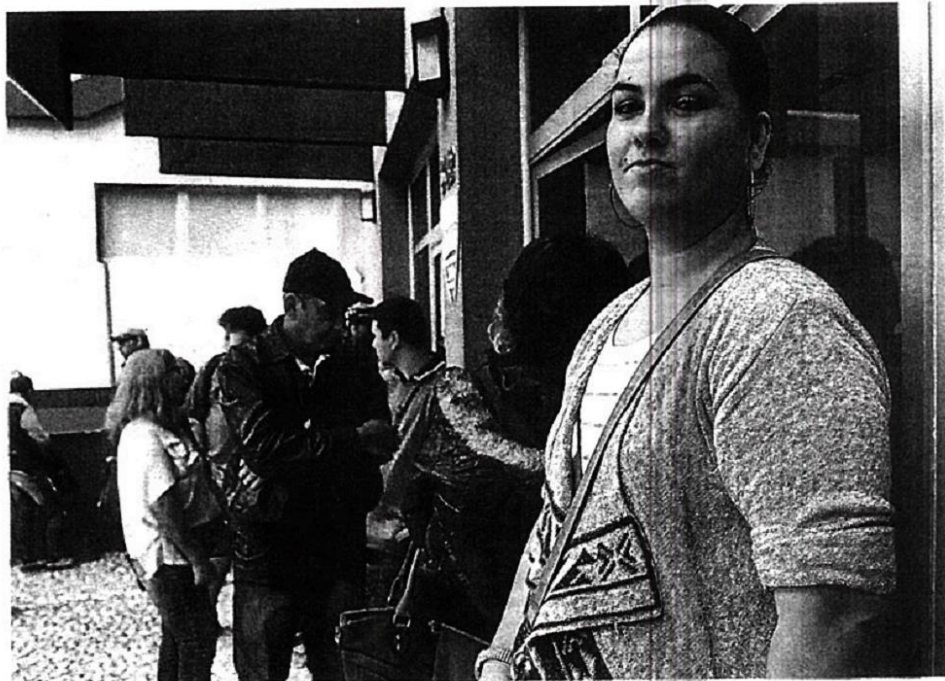
– O desenvolvimento dessas tecnologias demanda uma mão de obra mais qualificada e isso acaba substituindo parte dela. Esse é uma questão bastante significativa e que nós devemos estar preparados para enfrentá-la à medida que deve crescer ainda mais essa dependência da indústria 4.0 – destaca.

Os reflexos dessa demanda já impactam na população. O mecânico Reginaldo Carmo, de 29 anos, esteve na última segunda-feira no Centro Público de Atendimento ao Trabalhador (Cepat) de Joinville. Ele era uma das 50 pessoas na fila e estava lá para tentar dar entrada no seguro-desemprego. Dispensado há cerca de um mês, essa foi a segunda demissão pela qual Reginaldo passou em menos de um ano. Segundo ele, o fato de ter cursado somente até a sexta série do ensino fundamental acaba dificultando o crescimento dentro das empresas. Agora, Reginaldo promete buscar mais qualificação para voltar ao mercado.

– A gente sai de casa, distribui currículos por aí, mas dificilmente é chamado. Hoje, estão dando mais valor para quem tem formação no papel do que na prática, o que também deveria contar – diz.

A escassez de vagas no mercado de trabalho também preocupa Jaqueline da Cunha, de 22 anos. Ela trabalhava na linha de produção de uma empresa por quase três anos e, nesse período, ficou grávida. Como a função era repetitiva, foi trocada de área e permaneceu na empresa até a criança completar um ano. Depois, foi mandada embora devido à baixa demanda nas linhas de produção e há sete meses não consegue arrumar outro serviço.

– Quando eu fui para a rua, as demissões eram frequentes na fábrica. Na segunda-feira, por exemplo, eram 15 pessoas demitidas; na terça seguinte, mais 16; e assim continuou até chegar a minha vez de ser mandada embora. Ainda tento voltar e penso em retornar os estudos, mas assim que começar a trabalhar, vai ficar difícil conciliar as atividades – lamenta.



Jaqueline foi demitida há sete meses e tem encontrado dificuldades para arrumar outra colocação no mercado de trabalho

Max Schwoelk, divulgação



Havia muito otimismo, o número de empregos registrou superávit e a economia mostrava reação, mas agora existe um quadro quase pessimista.

Moacir Thomazi,
presidente da Acij

Instabilidade política é prejudicial



primeiro trimestre de 2017 representou uma esperança para quem busca por emprego nas indústrias de Joinville, segundo dados do Observatório da Indústria Catarinense. Acumulando saldos negativos desde 2014, o setor é responsável por 37,6% do Produto Interno Bruto (PIB) do município e voltou a contratar mais do que demitir nos quatro primeiros meses deste ano.

No período, foram feitas 10.380 admissões formais e 8.324 desligamentos. A alta foi puxada pela construção civil, que teve saldo positivo de 497 vagas, e a área metalmeccânica, com saldo de 477 vagas. A construção civil havia apresentado o maior saldo negativo no ano passado, com 725 vagas fechadas na comparação com o número de contratações.

Conforme o levantamento do Observatório, o mercado industrial joinvilense vinha acumulando maior número de fechamentos do que de aberturas de vagas há três anos. Em 2016, houve retração de 1,6 mil postos de trabalho. No auge da crise econômica, em 2015, a diferença foi ainda maior: redução de 8.678 vagas. O último saldo positivo havia sido acumulado em 2013. Na época, foram contabilizadas 2.705 contratações a mais do que demissões.

Para o presidente da Associação Empresarial de Joinville (Acij), Moacir Thomazi, e o vice-presidente da Federação das Indú-

strias de Santa Catarina (Fiesc), Mario Cezar de Aguiar, a crise pela qual o País passa é determinante para o registro de resultados negativos. Para eles, a recuperação se deve à estabilização econômica e à retomada do crescimento. Porém, eles acreditam que a crise que atinge o governo de Michel Temer desde a semana passada, pode influenciar nos resultados dos próximos meses.

– Havia muito otimismo, o número de empregos registrou *superávit* e a economia mostrava reação, mas agora existe um quadro quase pessimista decorrente da hecatombe que ocorre em Brasília. Se houver uma solução a curto prazo, Santa Catarina não deve sofrer grandes consequências, do contrário, podemos voltar para a situação em que nos encontrávamos – avalia Thomazi.

A incerteza é sentida também por Aguiar, que acredita que a força dos industriais pode ser determinante para a continuidade da recuperação econômica.

– Os fatos recentes que ocorreram pegou os empresários de surpresa e colocam um pouco em cheque esse otimismo, mas os industriais certamente irão arregañar as mangas e sabem da necessidade de ter confiança no futuro do País. Isso talvez demande um pequeno lapso temporal, mas acreditamos que o Brasil esteja no caminho certo da retomada econômica – pondera Aguiar.

Iniciativas começam na fase estudantil

Criar robôs com peças de lego e programá-los com o auxílio de softwares informatizados é um dos aprendizados de iniciação em robótica para alunos do Sesi de Joinville. A maioria dos estudantes aproveita o contraturno escolar para adquirir conhecimentos, competências e aprender na prática a desenvolver protótipos que podem vir a ser aplicados na manufatura avançada.

Um desses exemplos foi concebido por um grupo de seis alunos, de 13 a 16 anos, entre eles, Maycon Reis e Gabriel Hobold, durante um desafio proposto por uma indústria de pasta base de bananas. O projeto começou no início do ano passado com o objetivo de criar um descascador de bananas automática. A proposta era desenvolver uma máquina em que não fosse necessário o descasque com o auxílio das mãos. Em três meses, o protótipo foi concluído e, se aplicado na indústria, pode substituir o trabalho repetitivo de operários e evitar possíveis acidentes pelo corte com facas.

Na Universidade Federal de SC (UFSC), o número de alunos que começam, por iniciativa própria, projetos dentro do contexto da internet das coisas (IoT) é cada vez maior. Pelo menos três trabalhos em curso estão sob coordenação do Laboratório de Produtividade e Melhoria Contínua. Um deles envolve a gestão de energia; o outro, é voltado para o setor de alimentos; e um terceiro, para o desenvolvimento de serviços diversos aplicados à IoT.

Conforme o professor responsável pelo núcleo, Diego Fettermann, a velocidade com que as inovações tecnológicas estão ocorrendo acaba deixando currículos acadêmicos defasados. Para suprir essa necessidade, a universidade tem promovido palestras e debates sobre o tema.

— Foi verificada a necessidade dos alunos em ter essa atualização, e medidas já estão sendo feitas, principalmente na forma de palestras. Também existem nos cursos de engenharias, núcleos docentes estruturantes que são atualizados periodicamente, mas a rapidez com que as tecnologias evoluem ainda causa dificuldade de atualização — diz.

Um dos projetos em execução é o Conecta, desenvolvido pelo aluno de engenharia de materiais Jadsom Barbosa, que pretende gerar negócios a partir da criação de um produto de gestão de energia. Trata-se de um dispositivo que ajuda a reduzir o consumo energético de uma residência de 15% a 20%. O monitoramento do consumo pode ser feito pelo próprio consumidor ao acionar remotamente equipamentos elétricos através de um aplicativo de celular. O projeto começou a ser desenvolvido em março deste ano depois que o estudante voltou de um intercâmbio da Alemanha.

Em ritmo mais avançado, a Universidade do Estado de SC (Udesc) mantém, desde 2013, o Laboratório de Automação da Manufatura no departamento de engenharia elétrica. O professor André Leal conta que o local abriga uma minifábrica experimental com as mesmas tecnologias usadas na indústria, mas em dimensões menores. Foram investidos cerca de R\$ 1,5 milhão em equipamentos, entre eles, três robôs e máquinas CNC, de torno e fresador. O local é mantido com recursos da instituição e do governo do Estado.

A Univille aborda as transformações da indústria em disciplinas de mestrado de engenharia de processos e design. Na graduação, o tema é debatido nas turmas de administração, engenharias e design, este último já trabalha com soluções de materiais voltados para o conceito 4.0.



Maycon e Gabriel integram o grupo que desenvolveu um robô que descasca bananas

Institutos de inovação são referência

A maior cidade catarinense sedia dois dos 25 institutos de inovação do Senai no Brasil. Joinville detém, em sua zona industrial, as únicas unidades do País voltadas para pesquisas e prestação de serviços em processamento de materiais a laser e sistemas de manufatura. Mantidas com recursos próprios e por meio de parcerias com empresas, universidades e entidades de referência como a sociedade alemã Fraunhofer, as unidades joinvilenses foram criadas em 2014 e já receberam investimentos na casa de R\$ 50 milhões.

Segundo André Zanatta, diretor do Instituto Senai de Inovação em Sistemas de Manufatura, um dos investimentos recentes foi a compra de uma máquina de impressão 3D de metais a laser. O equipamento foi

importado dos Estados Unidos e custa R\$ 10 milhões. A instalação da máquina está prevista para o dia 14 de agosto.

Entre os recursos utilizados pela instituição estão materiais para a fabricação de peças diversas. Eles permitem que objetos complexos sejam criados para atender às demandas de setores de metalmeccânica, energia, automotivos, médicos, aeroespacial, entre outros. Um dos projetos em andamento no instituto tem custo aproximado de R\$ 1 milhão. A proposta, feita em parceria com uma indústria, consiste em desenvolver um equipamento de estampagem incremental, estiramento e usinagem de materiais moles. O objetivo do maquinário, depois de pronto, é reduzir o custo de prototipagem de peças e possibilitar a modelagem de formas simétricas e assimétricas com maior eficiência.



Instituto de Inovação do Senai desenvolve pesquisas e presta serviços à manufatura

Competências que fazem a diferença

As competências exploradas na formação de crianças e jovens de 7 a 18 anos, levam em conta o relatório do Fórum Econômico Mundial, divulgado em janeiro de 2016.

Segundo o documento, serão essenciais para se destacar no ambiente de trabalho, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e físicas como criatividade e raciocínio lógico, além de força física e destreza manual. Também serão importantes fortalecer competências básicas como expressão oral e escrita e competências transversais, que vão da gestão de tempo ao poder de persuasão, negociação e controle emocional.

Esse conjunto, aliado a uma especialização constante, serão os responsáveis por definir o sucesso profissional de quem deixa as universidades hoje. A avaliação é da coordenadora da faculdade de Senai de Joinville, Denise Rengel, que ressalta que quem faz um curso superior

e "acha que acabou", principalmente em um setor de constante movimento, terá dificuldades para se destacar no mercado de trabalho.

— Como é que esse profissional do futuro se conecta com a indústria 4.0? Ele só vai se conectar se estudar muito porque não é essa indústria avançada, que vai estar totalmente conectada, que vai tirar o trabalho das pessoas, são as pessoas, se elas não estiverem preparadas para essa mudança, aí elas realmente terão dificuldades em conseguir trabalho — salienta.

A necessidade de requalificação também é defendida por Jefferson de Oliveira Gomes, diretor regional do Senais-SC.

— Em Santa Catarina, metade das 766 mil pessoas que trabalham nas indústrias terá 45 anos ou mais, isso daqui a três ou quatro anos. E 1/3 dos trabalhadores estará com mais de 30. É necessário investir em uma requalificação dessas pessoas para que elas saibam como atender a essas demandas — pontua.



OPINIÃO

CLAUDIO LOETZ

A transição começou, mas você ainda não sabe

I nas escolas, as aulas são dadas por um professor, em pé, com alunos sentados em carteiras enfileiradas. Esse é o nosso velho modelo de aprendizagem. Desatualizado e em desconexão com o mundo virtual e de relações instantâneas. O trabalhador que chegar ao local do serviço com dez minutos de atraso, às vezes, é mandado de volta para casa. Punição! Esse é o nosso velho modelo de comprometimento e gestão.

Não é raro que o trabalhador desconheça o que os códigos das máquinas modernas indicam fazer. Essa é a nossa velha qualificação. É pouco comum ver empreendedores dispostos a investir, contínua e fervorosamente, um percentual razoável de seu faturamento em inovação, orientando para o efetivo desenvolvimento de pessoas. Esse é o nosso velho formato de competitividade.



Empresários e trabalhadores ainda acreditam que viver o momento é o que importa. Um olhar ilógico e distante do que está por vir não é incomum: indivíduos só enxergam o hoje, e anotam os dias de feriados; e donos de negócios enxergam como ganhar mais, não importando como, em busca do lucro imediato.

Os dois lados – trabalhadores e empresários – com este viés comportamental – miram o passado, enquanto deveriam ter de olhar para o adiante. Sem isso, evidentemente não haverá futuro. Neste contexto de perplexidades, as transições, em sua fase inicial, sempre causam apreensão. Há uma certa angústia, de parte a parte.



O jogo da inovação e da expansão, com o objetivo de perenizar os empreendimentos, depende, fundamentalmente, de três fatores:

1) A mudança de modelo mental, de modo a se compreender que o mundo está em processo de revolução tecnológica inevitável.

2) Querer fazer parte dessa onda logo, de modo a ser uma das referências desde o começo.

3) Ter acesso ao conhecimento e ao capital indispensáveis, para promover esta revolução na prática.



Sem isso, a indústria viverá do passado. Aliás, não sobreviverá, porque o eterno comportamento reativo cria, cada vez mais, uma defasagem entre o hoje vivenciado e o esperado para o amanhã. A ideia de que se preparar para o que virá é desnecessário porque, “no momento certo”, isso “inevitavelmente ocorrerá”. É um raciocínio que condenará à exclusão do mercado daqui a alguns anos.

A exigência é ser proativo. O mundo capitalista será implacável com os omissos e destruirá riquezas geradas até agora. Verdadeiros líderes empresariais têm a obrigação de liderar transformações radicais no modo de gerir. Continuar vocacionado apenas para o tradicional, num momento histórico de inflexão profunda do modelo industrial e econômico, é o caminho natural para a queda.

Novos impérios serão construídos à base de conhecimentos científicos e de escolhas racionais amparadas na compreensão do novo.



Tem razão o presidente da Federação das Indústrias de SC (Fiesc), Glauco Côte, quando diz que as nossas vidas são afetadas por novas tecnologias que facilitam e modificam a maneira de como nos comunicamos e nos movemos.

– A cultura da inovação deve começar na alta direção e na adoção de processos produtivos de extrema eficiência, com pleno

aproveitamento de recursos e máxima redução de desperdícios.



Em videoconferência durante a Jornada pela Inovação e Competitividade, na Fiesc, na semana passada, a americana Nancy Tennat, professora adjunta e CEO da Innovation Universe, argumentou:

– As empresas precisam reconhecer o histórico de inovação de sua empresa, aprender de outras empresas, promover o alinhamento das lideranças, articular o relacionamento da inovação com sua estratégia, definir o seu conceito de inovação, identificar e treinar líderes do processo de inovação, equipar os funcionários com ferramentas para a inovação, identificar eventuais barreiras e superá-las gradualmente, além de desenvolver uma mentalidade de melhoria contínua para a sua iniciativa de inovação. A inovação deve ser convincente, sustentável, além de criar valor para os acionistas.



Não é por acaso que as empresas mais antenadas já se estruturam em organizações do tipo Associação Brasileira da Internet Industrial (Abii). Robotização, inteligência artificial, automação e controle, desenvolvimento e programação de softwares superconectados à vida cotidiana são apenas alguns exemplos. Também por isso há, de parte da Prefeitura de Joinville, a preocupação de criar uma nova política de desenvolvimento e competitividade locais. O objetivo é inserir Joinville no novo mundo global no prazo de dez a 15 anos.

É grande a ramificação de indústrias catarinenses a serem integradas às tecnologias e mentalidades da Indústria 4.0. A capacidade de se transformar internamente e de se adaptar às futuras circunstâncias vai ditar a história dos sobreviventes.



A cultura da inovação deve começar na alta direção e na adoção de processos produtivos de extrema eficiência, com pleno aproveitamento de recursos e máxima redução de desperdícios.

Glauco Côte,
presidente da Fiesc

Notícias do Dia Carlos Damião

“Estado não tem política de memória”

Estado não tem política de memória / Antônio Carlos Konder Reis / Jorge Bornhausen / Esperidião Amin / Editora Lunardelli / Editora Insular / Osvaldo Rodrigues Cabral / Nossa Senhora do Desterro / Walter Fernando Piazza / O Poder Legislativo Catarinense – Das suas raízes aos nossos dias 1834-1994 / Virgílio Várzea / Santa Catarina – A Ilha / UFSC



Carlos Damião

carlosdamião@gmail.com
twitter: @damião_ND



Acon-
ta col-
ND

22. NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SABADO E DOMINGO, 27 E 28 DE MAIO DE 2017

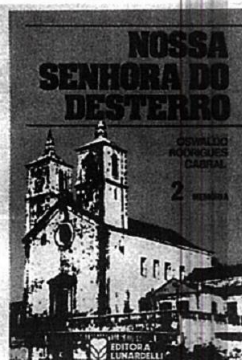
Estado não tem política de memória

Obras históricas fundamentais hoje só estão disponíveis em acervos particulares ou bibliotecas públicas. Poucas foram reeditadas nos últimos 25 anos

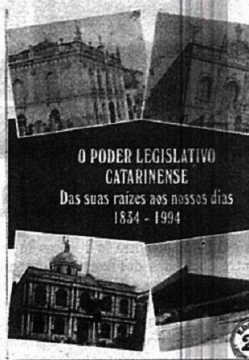
Como se pode mergulhar na história a não ser recorrendo a obras de referência fundamentais? E como ter acesso a algumas dessas obras? Difícil. Por falta de uma política cultural adequada, o governo catarinense não reedita livros clássicos de pesquisa e informação histórica desde a década de 1990. Governadores do passado, como Antônio Carlos Konder Reis (1975-1979), Jorge Bornhausen (1979-1982) e Esperidião Amin (1983-1987 e 1999-2003), tiveram a preocupação de colocar algumas dessas obras em evidência, com sucessivas reedições ou apoiando edições particulares – caso da Editora Lunardelli, a que mais publicou

livros de história e memória catarinense em todos os tempos. Mais recentemente, a Editora Insular tem se dedicado a publicações do gênero, mas quase sempre sem incentivo oficial.

Daria para citar dezenas de autores e suas obras, mas numa pesquisa rápida é possível resgatar alguns livros que acabaram esquecidos e cujo acesso muitas vezes é limitado aos setores de obras raras das bibliotecas (quando não estão nas mãos de colecionadores particulares, os bibliófilos). Poucos estão disponíveis em versão digital, o que facilita a consulta, mas não é a mesma coisa que se ter a obra física, impressa, assim considerada “produto cultural”.



Um dos livros de Osvaldo Rodrigues Cabral, há muito tempo esgotado



Obra de Walter Fernando Piazza, também esgotada há mais de 20 anos

AUTORES E LIVROS

Listas desse tipo nunca podem ser consideradas definitivas. Aqui se faz um breve apanhado de alguns autores fundamentais que pesquisaram a nossa história ao longo de mais de um século. A maior parte dos livros citados só existe em acervos públicos ou particulares. Algumas obras merecem reedição e distribuição criteriosa às bibliotecas, em especial as escolares.

■ **Lucas Alexandre Boiteux (1887-1966)** • Autor de Notas para a História Catarinense (1912), A Pequena história Catarinense (1920) e História de Santa Catarina (1930), entre outros.
■ **José Artur Boiteux (1865-1934)** • Autor de A Imprensa Catarinense (1911) e Arcaç de um Barriga-Verde (1933). Foi fundador do ensino superior em Santa Catarina (1917), fundador da Faculdade de Direito (1932), da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.
■ **Osvaldo Rodrigues Cabral (1903-1978)** • Médico que se tornou célebre pela intensa produção intelectual voltada

à história catarinense. Autor de História de Santa Catarina (1980), Nossa Senhora do Desterro (Notícia e Memória, 1979), entre outras obras.
■ **Domingos Fossari (1914-1978)** • Desenhista e professor. Autor de um dos mais impressionantes livros visuais sobre a capital catarinense, Florianópolis de Ontem (1987), constituído por 121 obras em bico de pena, legendadas pelo historiador Osvaldo Rodrigues Cabral.
■ **Virgílio Várzea (1863-1941)** • Foi autor da mais importante obra histórica (e geográfica) sobre Florianópolis: Santa Catarina - A Ilha, publicada originalmente em 1900, reeditada pela UFSC (edição

esgotada) e disponível na web em versão digital.

■ **Walter Fernando Piazza (1925-2016)** • Historiador e professor escreveu livros didáticos e o indispensável Dicionário Político Catarinense (que merece atualização). Foi autor também de A Colonização de Santa Catarina e O Poder Legislativo Catarinense – Das Suas Raízes aos Nossos Dias (1834 - 1994).
■ **Iaponam Soares (1936-2012)** • Pesquisador mais dedicado à literatura. Mas deixou contribuições importantes para a historiografia, como Santo Antônio de Lisboa, Estreito - Vida e Memória e História

do Município de Biguaçu.

■ **Carlos Humberto Pederneras Corrêa (1941-2010)** • Historiador e professor autor de Santa Catarina, um Estado Entre Duas Repúblicas: a Luta Política num Período de Mudanças Ideológicas e História de Florianópolis - Ilustrada, entre outras obras.
■ **Nereu do Vale Pereira (1926)** • Historiador e professor é autor de inúmeras obras sobre o folclore de herança luso-agoarana. Seu livro Desenvolvimento e Modernização (1977) é fundamental para compreender as transformações urbanas e sociais da capital catarinense durante o século 20.

Notícias do Dia Saúde "UFSC desenvolve prótese de voz"

UFSC desenvolve prótese de voz / Brasil / Laboratório de Vibrações e Acústica / Departamento de Engenharia Mecânica / UFSC / Andrey Ricardo da Silva / Finep / Financiadora de Estudos e Projetos / Edital Viver Sem Limite / Prótese de voz / Câncer / SUS / Sistema Único de Saúde / Cepon / Centro de Pesquisas Oncológicas de Santa Catarina / Dalírio Beber / Fiesc / ACBG / Associação de Câncer de Boca e Garganta e Santa Catarina / Gal / Grupo de Acolhimento aos Laringectomizados

18.Saúde NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 27 E 28 DE MAIO DE 2017

Editor
RODRIGO LIMA
rodrigolima@noticiasdodia.com.br

UFSC desenvolve prótese de voz

Professores e alunos da universidade trabalham na criação de dispositivo que será pioneiro no Brasil

DARIELE GOMES
dariele.gomes@noticiasdodia.com.br

A pesquisa começou em fevereiro deste ano, mas promete um grande avanço para a saúde brasileira. O estudo para o desenvolvimento de novo modelo de prótese de voz (válvula traqueoesofágica), o único no Brasil, começou a ser feito pelo Laboratório de Vibrações e Acústica do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC, coordenado pelo professor Andrey Ricardo da Silva. Ele explica que a ideia surgiu há dois anos, quando a Finep (Financiadora de Estudos e Projetos) lançou o edital Viver sem Limite, que estimula estudos para a criação de novas tecnologias para auxiliar pessoas com cuidados especiais.

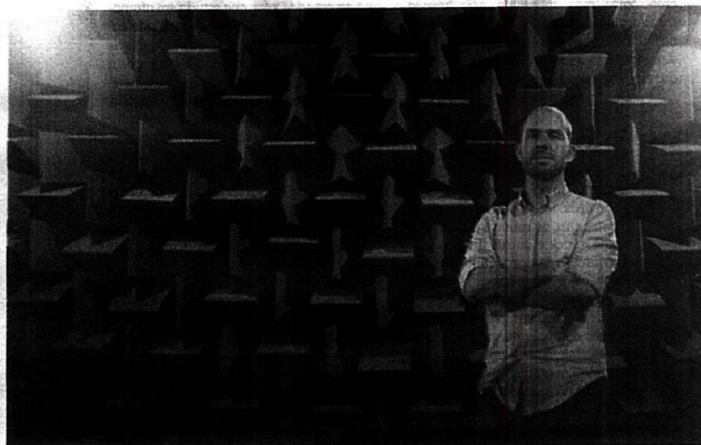
"A ideia de desenvolver uma prótese de voz foi pensando nas pessoas que em decorrência de vários tipos de câncer acabam tendo que extrair as pregas vocais, perdendo totalmente a fala. A prótese, que permite ao paciente voltar a falar, é oferecida no Brasil importada dos Estados Unidos ou da Suécia, o que encarece o produto. Em média ela custa R\$ 1.700, com duração de no máximo seis meses", diz. Ao desenvolver esse protótipo, conforme Andrey, a válvula vai baratear e passar a ser acessível a todos porque o SUS (Sistema Único de Saúde) auxilia com uma parte do valor.

Ainda em fase inicial, o estudo conta por enquanto com oito pesquisadores, entre alunos de graduação, pós-graduação e professores. "O projeto financiado pela Finep quer criar ainda um modelo de prótese que se adeque conforme as características fisiológicas de cada pessoa, já que algumas utilizam a prótese e nem sempre conseguem falar", explica.

Para o professor, o projeto deve ser concluído dentro de três anos, embora o grupo esteja com dificuldade de trazer mais pesquisadores para o projeto, pois o Finep repassou o valor dos materiais, mas ainda não o da bolsa de estudos. "Temos vontade de ter consultoria, principalmente dos desenvolvedores internacionais que já produzem esse produto. Queremos trazer mais pesquisadores. Mas no momento não está sendo viável, pois os recursos estão escassos, segundo o que nos informaram", afirma. ●



Modelo de prótese que será criado na UFSC



Andrey coordena o estudo da válvula traqueoesofágica que começou em fevereiro e deve ser concluído em três anos

Válvula é o método de reabilitação mais efetivo

■ A válvula traqueoesofágica é o método de reabilitação mais efetivo para o resgate da fala em relação a outras técnicas já em desuso, como a eletrolaringe e a voz esofágica. "Este dispositivo consiste em uma válvula unidirecional que permite o uso do ar pulmonar para a indução de vibração dos tecidos remanescentes do esôfago, os quais passam a produzir som", explica Andrey

Ricardo da Silva.

Conforme o professor, a prótese é colocada entre a traqueia e o esôfago, fazendo o papel das pregas vocais. A prótese pode ser colocada quando o paciente faz a extração das pregas vocais, ou depois em um pequeno procedimento ambulatorial. "A prótese deve ser trabalhada em silicone cirúrgico. Isso será determinado durante o estudo, assim como valores

50 depois do estudo concluído é que vamos atrás de fabricantes para ver os preços dos materiais", diz. O Cepon (Centro de Pesquisas Oncológicas de Santa Catarina) que trata pessoas com câncer tem sido parceiro do projeto, pois deve dar todo o suporte quanto a informações ao grupo de pesquisadores, além de disponibilizar os pacientes para futuramente serem feitos os testes.

Equipamento pode ser incluído na tabela do SUS

■ Recentemente o senador Dalírio Beber (PSDB-SC) se reuniu na Fiesc com representantes da ACBG (Associação de Câncer de Boca e Garganta de Santa Catarina) e GAL (Grupo de Acolhimento aos Laringectomizados), com a finalidade de debater a inclusão do equipamento laringe eletrônico, utilizado em casos de laringectomia total, na tabela do SUS, como também apoiar o projeto de desenvolvimento da prótese da UFSC. Segundo a ACBG, 7.000 novos pacientes são registrados por ano no Brasil, e

as principais causas desse câncer são cigarro, álcool e HPV.

O câncer de laringe é um dos mais comuns entre os que atingem a região da boca e do pescoço. Nos tumores avançados de laringe a cirurgia de retirada total do órgão (laringectomia total) é necessária. Como consequência, o paciente perde a fala e permanece definitivamente com um orifício aberto no pescoço para poder respirar.

Em casos de laringectomia total a reabilitação fonatória é feita através do uso da laringe

eletrônica. Esse equipamento, mesmo produzindo uma voz de qualidade robótica e distante do padrão vocal habitual, é um recurso de utilização imediata, de fácil aprendizado e que possibilita maior independência na comunicação básica. "Diante desse cenário, surgiu a iniciativa da realização de audiência pública no Senado para ampliar esse debate e apoiar a demanda junto ao Ministério da Saúde e demais órgãos. São pacientes que literalmente precisam ter voz e por isso têm o nosso total apoio", destacou o senador.

Notícias do Dia
Néri Pedroso
"Cena 11"

Cena 11 / Protocolo Elefante / Teatro Pedro Ivo / Centro de Cultura e Eventos / Universidade Federal de Santa Catarina / 3ª Semana de Dança / UFSC / Alejandro Ahmed



Notícias do Dia
ND online
"Estoque baixo no HU"

Estoque baixo no HU / Hospital Universitário / Doação / Sangue / Banco de Sangue

Estoque baixo no HU

O Hospital Universitário está precisando de doação de sangue dos tipos A+ e O-. O banco de sangue da unidade está com capacidade reduzida em mais de 50% por causa da redução nas doações ao longo da semana e o aumento na demanda por pacientes internados. Os interessados em colaborar podem ir até o hospital no período da manhã, de segunda a sexta, com documento de identidade em mãos. Veja no NDonline os horários e quais são pré-requisitos e restrições para a doação. Acesse <https://goo.gl/GQ6v0q>.

A Notícia Notícias

“Biblioteca oferece serviço a vestibulandos”

Biblioteca oferece serviço a vestibulandos / Educação / Biblioteca Pública Municipal Rolf Colin / Udesc / Sistema Acafe / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Marinaldo de Silva e Silva



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

27/05/17

[Pacientes de médicos velhos morrem mais do que os de médicos mais novos](#)

[UFSC divulga alterações para o vestibular 2018](#)

28/05/17

[Vestibular da UFSC 2018 tem alterações em provas e nos pesos das disciplinas](#)

[Projeto da UFSC promove encontros gratuitos de canto pré-natal para gestantes](#)

[Duas fortalezas de Santa Catarina podem tornar-se Patrimônio da humanidade](#)

[Estado não tem política para valorização da memória](#)